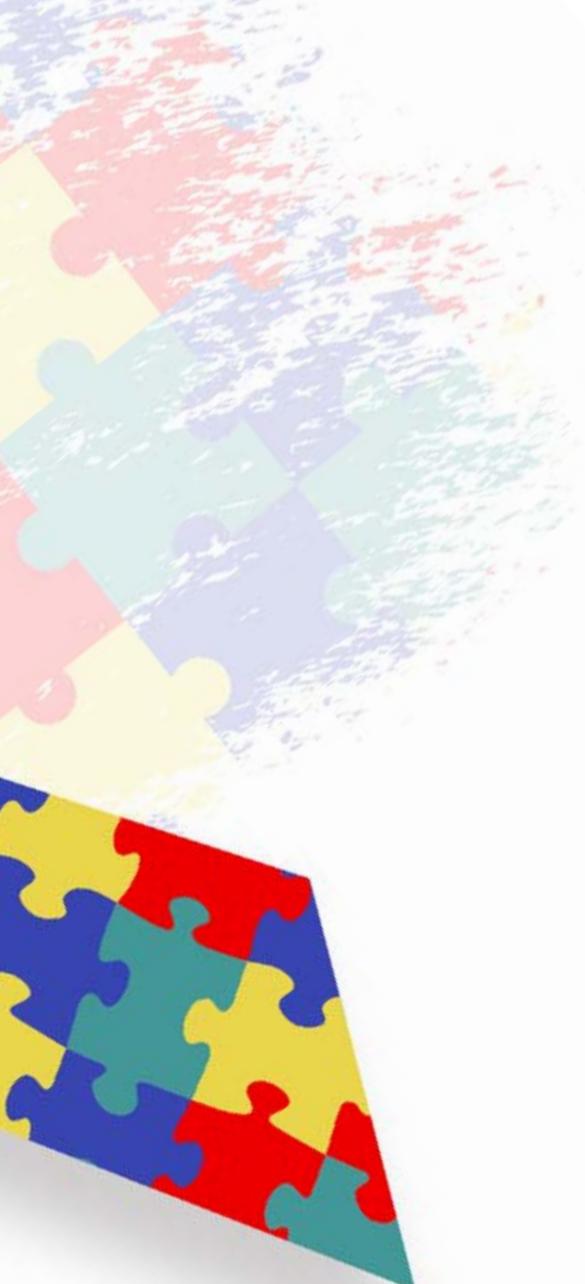




## Autismo em pauta

Tema promove integração social dos minastenistas em ambientes do Clube

Na sociedade contemporânea, a maioria dos indivíduos conhece alguém do seu círculo familiar ou social, como filhos, primos, filhos de amigos ou vizinhos com o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por condições que levam a problemas no desenvolvimento da linguagem, na interação social, nos processos de comunicação e do comportamento social, sendo classificado como um transtorno do desenvolvimento. De acordo com o boletim do Ministério da Saúde, o transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades. Sendo assim, crianças e jovens com transtorno do espectro autista experimentam um caminho de desenvolvimento em áreas como cognição social, comunicação e padrões de interesses e comportamentos bem diferentes do comum.



## Símbolos do autismo: representando a diversidade de expressões do espectro autista

Nos próximos meses, os minastenistas perceberão um novo símbolo nas placas de prioridade, o símbolo do TEA demarcará espaços inclusivos nas Unidades, como vagas nos estacionamentos, vestiários e espaços de atendimento ao sócio.

Essa ação do Minas, além da inclusão, visa evitar constrangimento aos associados pais de crianças com o espectro autista. No caso dos vestiários, a demarcação permite que crianças e adolescentes autistas, acompanhados pelos pais ou responsáveis, possam usar os banheiros sinalizados. Já para as vagas de estacionamento, permite um acesso mais rápido ao Clube. “Só uma mãe ou um pai que tem um filho com TEA sabe o que é a necessidade da prioridade em uma fila”, afirmou a especialista educacional do Minas, PhD. Vanessa Souza, profissional graduada em Psicologia e Educação Física, especialista em Psicopedagogia e doutora em Educação. É ela quem explica alguns dos principais símbolos visuais do autismo:

O clássico quebra-cabeça representa a complexidade dos transtornos que formam o espectro autista. O logotipo da peça de quebra-cabeça foi usado pela primeira vez em 1963 e foi popularizado pela entidade norte-americana *Autism Speaks*. Simbolizar o quão complexo é o entendimento do indivíduo autista, como um quebra-cabeça.

A união das quatro peças se multiplica e forma o símbolo que será usado nas Unidades do Minas Tênis Clube: a Fita da Consciência. “A fita do quebra-cabeça foi adotada em 1999 como o sinal universal da conscientização sobre o autismo. As peças em diferentes cores representam a diversidade de pessoas e famílias que convivem com o Transtorno do Espectro Autista. As cores fortes representam a esperança em relação aos tratamentos e ao acolhimento dos portadores pela sociedade em geral. É muito usada para identificar locais onde pessoas com TEA são bem-vindas”, explica Vanessa.

## Desvendando o espectro

O termo “espectro” foi inserido ao nome do transtorno autista em 2013 por conta da diversidade de sintomas e níveis que as pessoas apresentam. Cada indivíduo com autismo tem seu próprio conjunto de manifestações, tornando-o único dentro do espectro.

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-5 (referência mundial de critérios para diagnósticos), indivíduos dentro do espectro podem apresentar déficit na comunicação social ou interação social (como nas linguagens verbal ou não verbal e na reciprocidade socioemocional) e padrões restritos e repetitivos de comportamento, como movimentos contínuos, interesses fixos e hipo ou hipersensibilidade a estímulos sensoriais. Os indivíduos com autismo partilham essas dificuldades, mas cada um deles é impactado em intensidades diferentes, resultando em situações bem particulares.

A identificação de atrasos no desenvolvimento, o diagnóstico oportuno do TEA e o encaminhamento para intervenções comportamentais e o apoio educacional na idade mais precoce possível podem levar a melhores resultados a longo prazo, considerando a neuroplasticidade cerebral, afirma Vanessa.



Os minastenistas Gustavo e Florence: aprendizados e sorrisos na rotina com os cinco filhos, sendo dois autistas

## Os benefícios das práticas esportivas para as pessoas autistas

Para a profissional de educação física e psicóloga, a atividade física e os esportes oferecem uma ampla gama de benefícios para todas as pessoas, o que não é diferente para aquelas no espectro do autismo. No entanto, os esportes e a atividade física trazem benefícios para crianças e jovens com autismo em áreas que, geralmente, têm mais dificuldades. Melhora as habilidades motoras, condicionamento físico, funcionamento social, força e resistência musculares. Todos esses benefícios refletem positivamente em outras áreas, como comunicação e interação social. Dessa forma, é importante incentivar a atividade física nas crianças e adolescentes.

## Vivendo e convivendo com o TEA

Tudo o que se fala na teoria sobre o autismo, um casal de minastenistas conhece na prática. A médica Florence Assis e o procurador Gustavo Lavorato são pais de cinco filhos – Benício (7 anos), os gêmeos Theo e Lucca (6 anos), e os mais novos, Mario (3 anos) e Filippo (2 anos), ambos com

diagnóstico de TEA. “Cada um dos nossos filhos é diferente do outro, sejam típicos ou atípicos. A diferença é que os autistas possuem necessidades especiais e demandam suporte terapêutico para que possam se desenvolver e evoluir da melhor forma. O importante é fazer com que eles se integrem ao ambiente familiar, à escola e à sociedade de um modo geral”, defende Florence.

A descoberta do TEA nos dois filhos mais novos do casal, Mario e Filippo, se deu por meio de sinais diferentes entre os pequenos, mas clássicos entre as pessoas autistas. “A descoberta do primeiro filho autista veio com pouco mais de um ano de idade, pois o fato de termos filhos mais velhos trouxe o parâmetro de comparação. O fato de ser não verbal e a interação social pobre foram os pontos de partida para a desconfiância, que nos fez procurar profissionais. A descoberta do diagnóstico do segundo filho veio devido à rigidez comportamental e ao atraso na fala, em idade próxima, o que também nos incentivou a buscar profissionais especializados”, explica o pai. O primeiro diagnóstico dos filhos foi feito pela própria mãe, Florence, que é médica.



Filippo (2 anos): diagnóstico precoce e dedicação dos pais garantem o desenvolvimento do pequeno

Um dos maiores desafios diários é o de lidar com o preconceito, comenta Florence. “A grande maioria das pessoas e dos estabelecimentos não têm conhecimento ao certo do que é o autismo, tampouco sabem como tratar adequadamente algum portador de necessidade especial. O atípico sempre é objeto de olhares diferentes, de tratamento crítico e de exclusão. Sentimos isso na pele quando frequentamos ambientes públicos e vemos que as pessoas não conseguem compreender a dificuldade de comunicação e a rigidez comportamental de um autista. Apesar de haver muitos programas ‘ditos’ inclusivos para pessoas com deficiência, o autismo ainda está relegado a um plano inferior”.

Essa dificuldade no dia a dia motivou Florence e Gustavo a criarem, juntos, o canal no Instagram Montando um Time (@montandoumtime), onde eles mostram a rotina dessa família de sete pessoas, em que dois são autistas, a convivência entre eles no dia a dia, a interação entre os irmãos típicos e atípicos. Com mais de 25 mil seguidores, um canal que começou como compartilhamento de

rotina passou a também prestar um trabalho informativo e educativo sobre o autismo, atraindo cada vez mais pessoas que têm a mesma realidade. “Fazemos isso para compartilhar, sem nenhuma expectativa de monetização. É uma forma de dizermos para o mundo o que é ter filhos autistas, como é conviver com eles e o que precisamos fazer para que eles se sintam bem e seguros para serem quem são para além do TEA”, conta Florence, com o apoio de Gustavo.



Mario (3 anos) posa sorridente na Biblioteca do Minas: apoio da família fortalece o pequeno